

# A VORAGEM COMO EIXO EPISTEMOLÓGICO EM UMA DUAS, DE ELIANE BRUM

## THE MAELSTROM AS THE EPISTEMOLOGICAL AXIS IN ONE TWO, BY ELIANE BRUM

Neila da Silva de Sousa 

[neila.ssouza@yahoo.com.br](mailto:neila.ssouza@yahoo.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-2073-4947>

Pesquisadora na Universidade de Brasília e na Universidade Federal do Amazonas.



### Dossiê

**Epistemologia do romance:  
diálogos e aproximações teóricas**

### Organizadores:

Profa. Dra. Ana Paula A. Caixeta



Profa. Dra. Maria V. Barroso



Prof. Dr. Itamar R. Paulino



v. 32, n. 63, dezembro, 2023  
Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



### Fluxo da Submissão

Submetido em: 31/05/2023

Aprovado em: 11/07/2023

Distribuído sob



### Resumo/Abstract

### Palavras-chave/Keywords

Este artigo tem por objetivo compreender a voragem como eixo epistemológico em *Uma duas* (2011), de Eliane Brum. O romance mostra-nos um cenário materno, em que o silêncio esconde as dores da condição humana, destacando uma relação maternal não romantizada. Identifico a voragem presente na estrutura da narrativa, envolvendo o discurso universal do papel de mãe, e como Eliane Brum intenciona subverter o ideal de mãe na relação conflituosa entre Maria Lúcia e Laura. Para tanto, é importante a interligação de reflexões no âmbito das discussões levantadas pela teoria Epistemologia do Romance.

Voragem; Uma duas; Intencionalidade; Epistemologia do romance.

This article aims to understand maelstrom as an epistemological axis in *One two* (2011), by Eliane Brum. The novel shows us a maternal scenario, in which silence hides the pain of the human condition, highlighting an unromanticized maternal relationship. I identify the maelstrom present in the structure of the narrative, involving the universal discourse of the role of mother, and how Eliane Brum intends to subvert the ideal of mother in the conflicting relationship between Maria Lúcia and Laura. Therefore, it is important to interconnect reflections within the scope of the discussions raised by the Epistemology of the Novel theory.

Maestrom; One two; Intentionality; Epistemology of the novel.

## Introdução

“Não escrevo para apaziguar, nem a mim nem a você. Para mim só faz sentido escrever se for para desacomodar, perturbar, inquietar.” (BRUM, 2013, p. 18). Com essa reflexão, Eliane Brum termina a apresentação do livro *A menina quebrada* (2013). A própria autora procura avisar para o seu leitor que seus escritos não possuem intenção de abrandar as angústias de quem talvez esteja em busca de um consolo. Nesse contexto, a citação de Brum faz-me observar que a autora é consciente sobre aquilo que escreve, ou seja, há uma racionalidade no modo como intenta estruturar a composição de sua produção.

Observo que não é diferente na publicação do romance *Uma duas* (2011), em que desde a diagramação, a cor da letra vermelha, até a palavra voragem são escolhas de um projeto estético intencional por parte de Brum. A respeito da *intencionalidade*, no artigo *Intencionalidade*, presente no livro *Verbetes da epistemologia do romance* (2021), Herrisson Cardoso Fernandes aponta que a Epistemologia do romance constrói um pensamento epistemológico estético, em que se considera duas instâncias cognitivas, a instância da sensibilidade e a instância da cognição. Para a Epistemologia do romance, a intencionalidade estética autoral pressupõe

[...] a ideia da relação entre o trabalho criativo e os critérios de racionalidade utilizados na composição artística. Critérios esses que criam os meios pelos quais podem resultar efeitos estéticos pretendidos pelo criador do objeto. A preocupação do autor, considerada como sua intencionalidade, está dirigida para os possíveis efeitos que poderão ser causados no leitor pela forma final adquirida pelo objeto artístico. (FERNANDES, 2021, p.98).

Ainda em relação à intencionalidade estética autoral, conforme os pressupostos da Epistemologia do romance, além da instância de

intencionalidade estética autoral, há a instância do leitor-pesquisador, esse “sujeito perverso e inquieto, que não se satisfaz com impressões iniciais e o efeito estético provocado pela obra”. (CAIXETA; BARROSO, 2019, p. 65-77). A partir do princípio de que o leitor-pesquisador é guiado não apenas pelo efeito estético, mas também pelo desejo consciente de conhecer algo diante da relação sujeito/objeto estético, a Epistemologia do romance reconhece que, ao buscar pelo entendimento de quem experiencia a relação sujeito/objeto, o leitor-pesquisador vai trabalhando no sentido de fazer interligações entre os diversos conteúdos presentes no texto, obrigando-o a transitar por outras fronteiras disciplinares que não somente a literatura. Esse movimento orienta-o para que comece, então, a perceber que o exercício de relacionar, cotejar e comparar saberes interdisciplinares pode trazer aberturas de possibilidades e de problematizações diante das complexidades que o objeto estético evidencia.

A partir dessas ponderações, identifico a maternidade como voragem no romance *Uma duas*, neste artigo, mostrando como se dá essa constituição mediante uma voragem presente na estrutura da narrativa; enfatizo questões que envolvem o discurso universal do papel de mãe, e como Eliane Brum intenciona subverter o ideal de mãe na relação conflituosa entre Maria Lúcia (mãe) e Laura (filha).

## 2 A voragem na composição da obra

Existe entre as personagens de *Uma duas*, Laura e Maria Lúcia, uma ligação simbiótica, e, embora para ambas, essa ligação seja extremamente incômoda, é difícil de enxergar os limites que ora as unem, ora as separam. É por intermédio da escrita de um livro que Laura procura afastar-se do corpo da mãe, já que escrever é o lugar do confronto a que estão vinculadas mãe e filha. Apreendo que, de igual maneira com a qual mãe e filha não conseguem separar-se do cordão umbilical, como afirma Laura: “[...] Pa-

ra mim nunca houve um cordão umbilical que pudesse ser cortado [...] No meu caso não era uma corda, mas um cordão umbilical. Aos poucos eu não conseguia mais distinguir entre o meu corpo e o dela.” (BRUM, 2011, p. 16-55). Assim é a estrutura do livro: os narradores e histórias se apossam um dos outros, um necessitando do outro para continuar a viver, entrando-se, ou seja, esse é um ato narrativo que remete a um gestar. Da mesma forma que a gestação envolve vários elementos interconectados para sobrevivência, a produção do livro também apresenta essa necessidade. Essa voragem da gestação - entre mãe e filha e como prática criadora - se evidencia mais fortemente na bifurcação e no entrecruzamento dos capítulos seis e quinze. O sexto, por exemplo, começa em negrito, mas termina em fonte normal, e o quinze começa em fonte normal e termina em fonte itálico. Isso corrobora a ideia do embate entre mãe e filha, e que os espaços vazios entre uma tipologia e outra demonstram uma necessidade de mãe e filha ocuparem o espaço da outra, mas que sempre ficarão vazios, pois nem sempre a palavra atingirá a complexidade da relação mãe e filha, em um contexto maior: a complexidade da maternidade. Além disso, testifico que a linguagem não verbal atinge a linguagem verbal, uma vez que as tipologias agregam todo o conteúdo de *Uma duas*, no sentido de haver uma disputa no corpo texto, assim como mãe e filha tentam usurpar o corpo uma da outra.

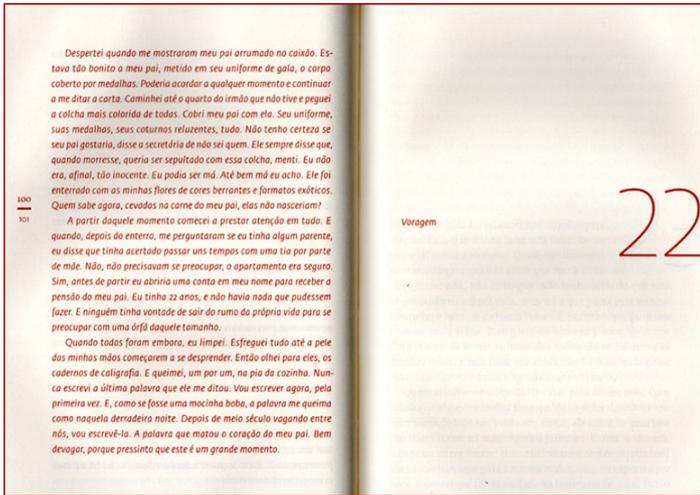
Assim, na angustiante tentativa de se livrar dessa relação, Laura, ao escrever um romance, afirma: “*escrevo na esperança de que as palavras me libertem do sangue. Do corpo da mãe. Mas e se não existir eu além dessa mistura de carnes de mãe e filha? [...] não há como escapar da carne da mãe. O útero é para sempre.*” (BRUM, 2011, p.16). Dessa forma, Laura encontra na escrita um meio de demarcar corporalmente os limites entre ela e a mãe.

Apesar da solução encontrada, a escrita de Laura é interrompida ao descobrir que Maria Lúcia está com câncer. A filha dedica-se, então, a cuidar da mãe. Diante desse acontecimento, a escrita e a vida de Laura sofrem uma

ruptura. Mas, ironicamente, as rupturas não ocorrem no sentido de separá-las, como queria Laura, mas sim no sentido de uni-las ainda mais, tanto por precisarem conviver em um mesmo espaço quanto por Maria Lúcia adentrar na escrita do livro de Laura: “*é para os seus leitores que escrevo. Mas a decisão de publicar também a minha versão é sua. Será sempre sua. Eu não deixarei que você coloque mais uma violência na minha conta. [...] Vai ter de me matar ou não na sua narrativa*” (BRUM, 2011, p.71). Nesse fragmento, a personagem, por meio de suas intervenções nas páginas do livro de Laura, estabelece um diálogo com seu leitor e o convida a escrever junto com ela, como se fosse possível a este ser um coautor, assim, ele também pode interferir graficamente nas páginas do livro. Conforme cada uma se propõe a escrever suas versões da história, o leitor observa o paradoxo existente entre ambas: o ódio e o amor.

Embora a diagramação das letras apresente, na estrutura narrativa, fontes diferentes, com alternância entre itálico, padrão e negrito, as diferenças que distinguem a mãe da filha são sutis, uma vez que elas portam laços que as unem de forma irrevogável. É como se o corpo da filha ainda estivesse preso ao corpo da mãe, como se o parto não tivesse sido suficiente para romper o cordão umbilical que as unia, principalmente, quando, no capítulo 22 da narrativa, surge o elemento voragem. A partir deste capítulo, há uma mistura mais intensa de vozes narrativas, e, muitas vezes, não sabemos definir claramente se quem narra é Laura, Maria Lúcia ou o narrador do livro de Laura. Além disso, notamos maiores conflitos entre mãe e filha, após esse momento. Destaco a seguir como a imagem da palavra voragem encontra-se disposta no capítulo mencionado:

Figura 1: Capítulo 22, palavra Voragem



Fonte: Brum, 2011. Imagem recortada por mim.

É oportuno dizer que voragem é mencionada apenas uma vez na narrativa pelo relato de Maria Lúcia, quando esta explica ao seu leitor que sempre escrevia cartas ditadas pelo pai. Em um desses momentos, enquanto o pai citava as palavras para a filha escrever, ele pronuncia voragem. Esse é o momento em que a protagonista, já na velhice, ao entranhar-se na escrita do livro de Laura para expor suas memórias, revela ao leitor que este vocábulo é muito importante para ela. Maria Lúcia menciona que o pai morreu de infarto justamente quando ditava esse termo. No livro de Laura, Maria Lúcia, ao retornar à escrita de suas memórias, afirma que o fato de se lembrar desta palavra e ter coragem de escrevê-la torna-se, para ela, uma voragem.

Pelo esclarecimento acima, o fato de voragem estar na página isolada traz a perspectiva de ir além de um único ponto de vista (relato de Maria Lúcia), suscitando-me, nesse sentido, um maior envolvimento de especulação por parte de um gesto investigativo<sup>1</sup> diante do romance *Uma duas*.

Ao relacionar voragem com maternidade, neste texto, é importante atentar que voragem propicia mobilidade de leitura, porque ela passa a contribuir em vários locais em que não é mencionada. Isto é, mesmo ocupando apenas o capítulo 22, sem ser repetida ao longo da narrativa, como leitora-pesquisadora, percebo que ela se faz como fundamento entre os acontecimentos do romance, preenchendo múltiplos espaços vazios na narrativa em constante articulação e devir. Embora seja uma imagem/palavra fixa, que, em um primeiro momento, transmite a sensação de estar diante de uma palavra/ imagem paralisada, ela extrapola esse instante, e, como em um pequeno instante temporal, provoca movimentos narrativos, difundindo-se e alargando-se nesse aparente pequeno instante. Logo, voragem apresenta características essenciais para a composição do romance, tornando-se, a meu ver, o eixo epistemológico em *Uma duas*. A esse respeito, Itamar Paulino no texto *Eixo epistemológico*, presente no livro *Verbetes da Epistemologia do Romance* (2021), afirma que

[...] o eixo epistemológico, evidenciado ou não pelo gesto estético autoral, determina o conceito a atravessar a estrutura da obra, servindo de sustentação e elucidando as condições de entendimento do leitor. [...] A Epistemologia do Romance propõe que, no espaço do escritor, a definição de um eixo epistemológico condutor no processo de criação da obra pertence à liberdade autoral; já no espaço do leitor, a epistemologia do romance serve de mergulho investigativo no texto para encontrar esse possível conceito que, pela invariância, permite o entendimento das diversas situações e acontecimentos a partir do qual podem irromper outras possíveis epistemes. [...] o que interessa ao leitor-pesquisador são os fundamentos racionais ali inseridos que permitem reflexões plausíveis de eventos da vida humana, ou seja, a condição que confere status filosófico à epistemologia do romance é que ela se funda na decomposição da obra em busca de elementos regulares, procedimentos formais, possibilidades conceituais, para garantir existên-

1 “Gesto é uma intenção de caráter investigativo, visando refletir a respeito de um objeto estético. Por possuir intencionalidade, não está fechado a um movimento aleatório, sendo possível a esse gesto aspectos de racionalidade que lhe permitem atrelar-se a outros gestos intencionais, incentivados pela teoria da ER”. CAIXETA, Ana Paula. Gesto. In: CAIXETA, BARROSO. *Verbetes da Epistemologia do romance*. Campinas: Pontes editores, 2021, p.71-84.

cia do elemento invariante que leve o leitor ao ato cognitivo e ao esclarecimento interno da obra. (PAULINO, 2021, p. 52).

Sob essa perspectiva, em *Uma duas*, pode-se identificar que, a partir da conceituação da palavra voragem, novos significados podem ser apresentados dependendo do contexto em que está inserida. A definição de voragem de acordo com Cunha (2010), é aquilo que sorve ou devora; turbilhão; abismo. Já conforme o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Antonio Houaiss (2009, p. 786), voragem é descrita de forma mais ampla e significa:

[...] tudo aquilo que é capaz de tragar, sorver, destruir com violência; 2. Redemoinho de água que se forma no mar ou no rio, cujo giro arrasta as coisas para o fundo; sorvedouro, turbilhão; 3. Grande profundidade, abismo; 4. Aquilo que provoca grandes arroubos, que arrebatava, mortifica ou consume. (HOUAISS, 2009, p.786).

Além desses sentidos dicionarizados, outro sentido que a palavra pode adquirir, mediante leitura realizada, olhar para dentro de si, muitas vezes, nos causa esse turbilhão. Enquanto alguns sujeitos não desejam ser sugados pelo vórtice, outros almejam essa sucção. Diante da ideia da Voragem como vórtice, noto, no romance *Uma duas*, que as escolhas estéticas que abordam o amor e a repulsa, nessa convivência de fracasso entre mãe e filha, torna-se inevitável para as duas não olharem para si durante o ato de escrever ou de conviverem novamente. As narradoras/protagonistas expõem suas identidades fraturadas, por trajetórias que elas necessitam resgatar e recompor, mas as duas permanecem em constante transição na Voragem do ser, e, com isso, Voragem levanta questões da condição humana:

Nesse sentido, há a estratégia de uma escolha estética de Eliane Brum em diluir o termo voragem na página em branco, brincando com gêneros textuais prosa e poesia. Trabalho, então, com a hipótese segundo a qual voragem

não se encontra nessa página, da forma como é escrita, de modo ocasional. Há um porquê de a disposição da palavra estar isolada na página, sendo eixo epistemológico do romance *Uma duas*.

Destaco, então que, desde o título do romance, a ideia de ora junção, ora separação acentua-se entre mãe e filha. Por isso, a importância de pensar a voragem a partir também do projeto gráfico de *Uma duas*. Na perspectiva da diagramação em *Uma duas*, permiti colocar-me em um lugar de observação em que a linguagem visual também merece ser explorada, na medida em que ela é intencionalmente utilizada como recurso estético para interferir na recepção. Assim, ainda que os recursos visuais, utilizados nesse objeto estético, tenham me provocado efeitos estéticos vários - inclusive no sentido de me fazer criar em alguns momentos repulsa, estranhamentos e desconfortos ao me debruçar na narrativa-, eles, os efeitos estéticos também contribuíram para que eu pudesse identificar jogos de intencionalidades da criação que me permitiam apreender elementos de conhecimento. Como exemplo disso, discorro sobre a estratégia para diferenciar os tipos de narradores, o uso da alternância entre as fontes negrito, padrão e itálico; acerca da diagramação da capa; e sobre a letra do livro, que tem a cor vermelha.

Diante de minhas observações, a escrita em vermelho aparece na obra de Brum de forma que provoca desconforto, levando-me não só a uma experiência estética conturbada e angustiante, mas também a encontrar um lugar para múltiplas possibilidades interpretativas. Como leitora-pesquisadora da obra, instiga-me pensar na letra em vermelho enquanto algo que se aproxima da ideia do parto, no qual o sangue, presume a metáfora do nascimento e do cordão umbilical não rompido entre mãe e filha. Entre as diversas possibilidades que se estabelecem entre o jogo criação e recepção, entendo que a escolha do vermelho pode ainda remeter à escrita com sangue. Essa percepção está relacionada com a protagonista do romance já que Laura mutila o próprio corpo devido aos traumas que possui.

Mediante o exercício de repensar e reconstruir a própria existência, Laura acredita que, ao escrever um livro, restabelecerá sua integridade e que suas indagações diante da vida terão respostas. Laura sente-se uma extensão da mãe, e o ato de se cortar é uma tentativa de se separar deste corpo-extensão. Diante de tais tentativas de libertação, Laura gesta um livro, gerando e dando luz à própria linguagem: **“Porque eu escrevo? O que eu tenho a dizer que já não tenha sido dito de milhares de maneiras diferentes? A quem interessa meu corpo de letras?”** (BRUM, 2011, p. 75). As interpelações de Laura durante seu “gestar”, permitem-me observar que há uma busca por compreender-se diante da filiação materna. Ela age sob as perspectivas dos conflitos a que se propõe: de onde venho? Como sobreviver? Tais perguntas não cessam e se mostram no romance como estruturas intencionais, constituintes de uma busca profunda por um sentido, justamente porque há uma ausência de sentido na vida dessa protagonista, desse ego experimental<sup>2</sup>. As falas, pensamentos e ações de Laura estão atrelados a essa busca, como se verá em passagens dessa natureza: **“Eu corto corto corto e ainda não sei que existo”**. (BRUM, 2011, p.15). Ao procurar dar sentido à própria vida, Laura faz questionamentos subjetivos e coloca em conflito a sua própria compreensão. Nesse sentido, compreendo que, para poder contemplar esse tema que Brum nos apresenta, no caso de Laura (ego experimental), isto é, para abarcar todo o conflito que Laura possui, vivendo com a mãe após adulta, contra sua vontade, já que está com a mãe doente, mais por obrigação que por dedicação, Brum explora determinados elementos para contemplar a voragem maternal, ou seja, relaciona a voragem maternal com as experiências de vida de Laura por meio dessa relação com a mãe.

A passagem reforça a percepção que Laura tem de si mesma: um ser degradado e trágico pela voragem dos sentimentos conflituosos a

ponto de duvidar da própria existência enquanto um eu identitariamente individualizado. Notabiliza-se, então, que Laura sente-se um ser abjeto e escrever seria uma das oportunidades de compreender sua possibilidade de existir. As perguntas presentes nesse trecho, são perguntas que ela faz a si mesma. Porém, longe de obter uma resposta apaziguadora, a busca de Laura se transfigura em outras perguntas inquietantes, por isso, o único entendimento que lhe parece possível é o de que, quanto mais escreve, mais compreende que sua história se alimenta dessa constante busca: de onde venho? Qual fundamento posso me amparar (pai, mãe, escrita)? E, assim, em meio a essa voragem, reflete: **“Choro sem correnteza agora, um riacho manso entre pedras redondas. Penso que choro pela extensão de uma existência. Mas talvez seja só impressão”**. (BRUM, 2011, p.157). O fragmento demonstra que Laura expressa a intencionalidade de um aprofundar-se na busca por um sentido na sua história. Laura sente-se jogada em uma existência sem fundamento, e o fato de não ter onde se agarrar, faz com que permaneça questionando essa existência, ela faz isso se voltando para uma maternidade a qual foi imposta pela mãe e que lhe devora, tragando-a para uma voragem, como ela mesma dirá: **“Me sinto deslizar para o buraco negro”** (Brum, 2011, p.16). Esse sentimento faz que a personagem não só se perceba como dona de um voragem/abismo existencial, mas também como um ser dotado, em certa medida, de desejos moldados pelos discursos da condição humana resultantes da sacralização maternal, e suscita, por sua vez, a perguntas que conduzem a problematizações de como a voragem pode alcançar uma fonte de saber sobre o humano.

Destaco dessa concepção o pensamento de Milan Kundera em *A arte do romance* (2016) que postula: “os romancistas desenham o mapa da existência descobrindo esta ou aquela possibilidade humana. [...] É preciso compreender o personagem e seu mundo como possibilidades.” (2016, p. 46). A verificação aponta-nos

2 A expressão ego experimental foi criada por Milan Kundera (2016, p. 90) para designar personagens intencionalmente cri-

que Kundera considera o romance como entendimento singular acerca do mundo, por isso, afirma que o romance se move a partir das possibilidades de existência. Essa seria a condição de manejar com aquilo que é real, isto é, para poder manejar esse mundo em si mesmo, destacando que “o romancista é um explorador da existência” (KUNDERA, 2016, p.52). Desse excerto, podemos verificar que Brum também reflete sobre o que escreve, pensando em questões da condição humana. Pensar a forma que a autora Eliane Brum procura transmitir um amor maternal não romantizado ao leitor, motiva-nos a refletir que, no decorrer do romance, voragem adquire diferentes níveis de significações, uma vez que me conduz a interpelações sobre a voragem maternal, suscitando-me a inquietudes por intermédio dos questionamentos sobre o Ser presentes nos egos experimentais Maria Lúcia e Laura: amor, ódio, solidão, automutilação, rejeição, masturbação, velhice, entre outros temas.

### 3 A voragem como eixo epistemológico no conjunto de obras de Eliane Brum

O percurso pelo conjunto de obras da autora, demonstra que o termo voragem faz parte de um projeto de escolhas estéticas de Eliane Brum, tratando-se de uma expressão que permeia a vida e a obra da autora. Na pesquisa do conjunto de obras de Eliane Brum, encontro possibilidades de aproximações as quais se revelam que, no campo da criação estética, o exercício de compreensão implica um gesto reflexivo que leve em consideração “as intencionalidades daquele que cria, o objeto criado e as ações daquele que recebe”. (CAIXETA; BARROSO, 2019, p. 77). A intencionalidade autoral também é entendida pela Epistemologia do Romance com o conceito de “invariância” ou a repetição de determinado(s) elemento(s), sendo uma estratégia do autor para criar determina-

do alcance na consciência do leitor. Conforme a Epistemologia do Romance, a repetição de termo ou de temas de determinado autor em suas produções faz parte do conjunto de obra, ou seja,

conjunto de obra é uma terminologia utilizada para designar todas as obras envolvidas na produção escrita de um autor. [...] para o pesquisador da Epistemologia do Romance, conjunto de obra é o sentido amplo da produção de um escritor que exige um olhar da totalidade de suas publicações para que se possa compreender seu processo de criação. Ou seja, cada unidade de trabalho de um autor considerada em função de sua totalidade. É por meio do conjunto de obra que se chega à ideia estética de regularidade da criação literária. (CAIXETA; BARROSO, 2019, p. 13).

Ao ler o conjunto de obras de Eliane Brum, e atentar para o movimento da repetição da palavra voragem e da construção racional que se estabelece, reconheço como o projeto estético da autora torna-se também a percepção humana de fenômenos capazes de se repetir no tempo. Assim, integrar o conjunto de obras de Brum é notabilizar uma rede narrativa que me oferece o desempenho de um narrar a partir de um processo racional, manifestado no tecido conjuntivo de toda a sua obra através do laboratório experiencial, pois é/foi algo refletido e reavaliado na dinâmica da composição de cada texto.

Neste texto, como ponto inicial da produção de Eliane Brum, situo o romance *Uma duas*, engendrando, por meio desse romance, um averiguar da voragem como um processo de construção racional, que me permitiu perceber a voragem antes da publicação de *Uma duas*<sup>3</sup>. Com isso, “tal como as demais criações artísticas, o romance literário resulta não só do talento, mas do trabalho e da reflexão do escrito”. (BARROSO FILHO, 2018, p. 22). Portanto,

3 Lembro que, por se tratar de uma autora viva, novas obras sempre podem surgir. Até o momento desta pesquisa, seu último livro lançado, em 2021, foi *Banzeiro òkòtò - Uma viagem à Amazônia centro do mundo*. Porém a autora continua ativa em eventos, escrevendo reportagens e participando de entrevistas.

aponto que Eliane Brum tem a voragem como uma ideia contínua que perpassa todo seu conjunto de obras revelando, portanto, seu projeto estético intencional.

Esse movimento parece evidenciar uma espiral que se repete em torno das mesmas preocupações, ou em torno de suas propensões teóricas: morte, questões ambientais, escrita com o corpo, questões femininas, principalmente a maternidade, enaltecendo, assim, o modo de transmitir ao outro a experiência do entrevistado e o poder narrar a própria experiência, especialmente, no que concerne o termo voragem em *Uma duas* que faz uma travessia pela produção intelectual de Eliane Brum, levantando questões da condição humana.

Esmiuçando, por meio de entrevistas da autora para jornais, entrevistas midiáticas, prefácios dos seus livros, atento para uma associação de expressões que se repetem em seus discursos, encontro recorrências de termos que remetem à ideia de voragem: movimento e abismo, por exemplo, são as mais repetidas, dentre outras como: submergir, deslocar, abissal, desordem, avesso, brutalidade, banzeiro. Observar e analisar o que dialoga com outras obras da autora é o que me interessa em relação à palavra voragem, mostrando que ela perpassa mais de um texto de Eliane Brum. Além das entrevistas, exemplifico, nessa perspectiva, o seu livro *Meus desacontecimentos- a história da minha vida com as palavras* (2013).

O livro sinalizado acima foi publicado em 2013, após o romance *Uma duas* (2011). Nele, Eliane Brum compartilha assuntos relacionados à própria infância e à sua carreira de repórter. Em suas narrações, ela comenta o estreito elo com a escrita desde criança e diz que escreve para não morrer e para não matar, atribuindo, assim, o gesto de escrever ao próprio existir. A narradora, no decorrer do livro, expressa grande admiração pelo pai e pouca conexão com a mãe, pois se sentia como uma sombra da

irmã que morreu antes de ela nascer. O vínculo maior com o pai a encaminha para o mundo da escrita e decepcionar as expectativas do pai em relação a ela, tornou-se algo que não soube lidar na época, principalmente, quando informou ao pai sobre sua gravidez entendida como precoce por eles, aos quinze anos. Eliane Brum que, desde aos nove anos, escrevera, só consegue retomar a este movimento na faculdade: “A palavra fez a volta, mas como na fita de *Moebius*. Libertei as letras, e elas emergiram dos meus abismos como voragem. Voltei a escrever.” (BRUM, 2014, p. 143).

Ao fazer a seleção desse termo (voragem), presume-se que existem intenções que perpassam o pensamento reflexivo na produção das obras de Brum. Prestando atenção à repetição da palavra voragem e à construção racional que se estabelece, reconheço como um projeto estético da autora, pois se acentua como elemento contínuo ao longo de sua produção.

Dentro deste contexto, a palavra *moebius*, destacada no trecho acima, é utilizada por Brum ao se referir a um momento particular de total falta de direcionamento, quando revelou aos seus pais sobre sua gravidez aos quinze anos. Cabe assinalar que os matemáticos definem *moebius* como aquele “objeto não-orientável<sup>4</sup>”, isto é, torna-se impossível determinar qual é a parte de cima e a de baixo, a de dentro e de fora desse objeto. Ao pensar na figura da fita, ao cortá-la, ela não se separa em duas, vira outra fita, ficando entrelaçadas. Assim, ela representa uma figura geométrica que a olho nu vai se comportar em nova maneira, isto é, uma fita que tem dois lados, ou duas maneiras. No entanto, a peculiaridade que ela apresenta deve-se ao fato de que, ao seguirmos todo o contorno da linha *moebius* sem virar o papel, chegaríamos ao primeiro ponto, mas que, de alguma forma, torna-se infinita.

A maneira como a autora Eliane Brum utiliza palavras que estabelecem diálogo com

---

4 A fita de *Moebius* foi criada pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius, em 1858. Disponível em: <<http://www.matematica.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=377&evento=3>> Acesso em: 25 set. 2020.

voragem revela que a autora reconfigura suas escolhas em um movimento combinatório operando uma correlação entre passado e presente que pode ser traduzida dentro de um único instante. Em vista disso, é pertinente mencionar que, desde 2017, Brum reside em Altamira no Pará. A decisão de mudar, conforme entrevista concedida a Bruno Tortura (2019), deu-se pela sua busca por conhecimentos oriundos do povo da floresta, uma vez que seus conhecimentos intelectuais Ocidentais já não conjugavam com seu novo jeito de pensar. Ter contato com outras línguas e com outros pensadores, segundo Brum, permitiu-lhe apropriar-se de uma palavra muito utilizada por indígenas: banzeiro. Banzeiro, para os povos indígenas, significa um forte redemoinho no rio. Com a frase: “a vida é banzeiro”, Brum define a luta dos ribeirinhos de Belo Monte que em decorrência da construção da usina hidrelétrica, perderam suas terras e tiveram que ir morar na cidade. É possível identificar relações entre as palavras banzeiro e voragem que podem ser entendidas, de alguma forma, como sinônimas. Como Brum responde ao entrevistador, ela percebe que o conhecimento provindo da cultura Ocidental já não correspondia à sua forma de se compreender e de se entender no mundo. Sendo assim, buscar outros conhecimentos nos povos da floresta a fez aglutinar outras palavras. Ao apreender banzeiro, voragem já não se adequava a esse novo jeito de habitar e de pensar sua nova realidade.

Através do vasculhar pelo conjunto de obras de Eliane Brum, observo que a escolha por esta nova palavra já vinha sendo apresentada por Brum em entrevistas e em seus artigos jornalísticos. Pode-se mencionar, por exemplo, que, em 2021, a autora publica a obra *Banzeiro Òkòtó: uma viagem à Amazônia Centro do mundo*. Nesse refletir acerca da produção de Brum, percebo que as escolhas da autora transitam pelo espaço-tempo, de modo que está continuamente a construir novas conexões, reescrevendo, recomeçando, e, assim, anunciando novas possibilidades de significações.

Pensando nessa voragem contínua que

ressurge e reafirma seu projeto estético, flui o surgimento de novas formas viventes. Por mais que *maelstrom*, *moebius*, banzeiro ou *òkòtó* possuam outros significados para a autora de acordo com cada momento que vivencia, nesse contexto de reflexão, não deixa de abarcar seu projeto estético sobre a voragem, pois todos esses elementos remetem à ideia de infinito, de movimento constante, de desorientação, de espiral. Brum trabalha com vários corpos da voragem, passeia por palavras de outras línguas, mostrando as dimensões da voragem.

A recorrência de Brum em trabalhar a ideia da voragem instaura-se no que tange a experimentar diferentes formas como possibilidade de reflexão sobre a maternidade na constituição de diversos estilos de escrita, seja nas crônicas, reportagens ou romance corroborando com a ideia de intencionalidade estética de seu conjunto de obras acerca da reflexão da voragem.

Desse modo, considero o inacabamento como uma potência para outras formas abertas. Isso agrega um valor literário à obra de Brum, designando-a como uma autora além do tempo. São formas que persistem saltando as páginas, não apenas do livro *Uma duas*, mas de todo um projeto estético do conjunto de obras. Brum se vale dessa palavra, permanece nela, e assim voragem perpassa sua vida e suas obras. Há algo racional neste conjunto de obras. *Maelstrom*, *Banzeiro*, *Òkòtó*, *Moebius*, possuem o sentido de abismo, aquilo que suga, gira, movimento. Várias palavras que se encontram dentro de um tema maior que é a voragem. *Uma duas*, por exemplo, surgiu de experiências de vida sobre a morte, reflexões sobre a maternidade, temas repetidos insistentemente entre 2005 a 2011, assim como voragem que insistente e conscientemente aparece em suas obras. Transitar por esse conjunto de obras mostra a escolha de Brum pela voragem, e nessa busca racional no ato da articulação de ideias, pois para ela o livro sempre termina no meio, sua escrita permanece em círculos concêntricos, visto que compartilham sempre do mesmo centro.

Mediante tal leitura, em *Uma duas*, os

sentimentos podem se apresentar de maneira intensa e, por vezes, desordenados. Em certas ocasiões, amor e ódio se fazem presentes e esta contradição é avaliada como uma voragem/turbilhão de sentimentos, entre mãe e filha. Assim, em um paralelo ao que ocorre no mar ou em outro meio aquático, em que o movimento das marés ou das correntes resulta em redemoinhos capazes de provocar naufrágios de embarcações e afogamentos de pessoas, alguns sentimentos são suscetíveis de arrastar o sujeito, que passa a girar constantemente, absorvido por questões da condição humana, sendo, pois, conduzido à voragem.

### Considerações finais

O intuito neste artigo foi pensar e agir, a partir de *Uma duas*, demonstrando que as escolhas estéticas possibilitam o sujeito a uma intenção para desvendar os pontos de conexões entre objeto e autor, ou seja, deverá lidar com a sua subjetividade que servirá para lidar com um a construção de pensamento e o modo como se coloca para jogar. Dessa maneira, cada indivíduo tem um objetivo diante dos próprios objetos estéticos, uma vez que essa abertura de possibilidades de conhecimento acontece justamente pela natureza estética do objeto. Meu olhar direciona-se para pensar a voragem enquanto eixo epistemológico em *Uma duas*, tanto no que diz respeito às instâncias intrínsecas como às extrínsecas.

Visto desse modo, há um olhar consciente alicerçado na experiência por parte do leitor-pesquisador, e também na observação intencional a partir do gesto racional de Eliane Brum no ato da escrita. É ancorado nesse movimento que, no curso das reflexões aqui pretendidas, quer promover-se a abertura de possibilidades de entendimento acerca de *Uma duas*. Não são respostas, trata-se de um movimento de interpretação e de entendimento de elementos, vestígios identificados por mim no conjunto de obras de Eliane Brum que me permitiram empreender tais discussões presentes aqui, uma

vez que foi possível conhecer aspectos da condição humana, valendo-me da constituição da voragem em *Uma duas*.

Brum apresenta questões que, embora experimentadas por um ser particular (personagem/ego experimental), dizem respeito às angústias de todos os seres humanos, às dificuldades em lidar com os próprios conflitos, à morte, à maternidade, entre outras, são algumas das questões trazidas e desdobradas visceralmente pela voz filosófica do(s) narrador(es) de *Uma duas*. Desse modo, o romance de Brum pode ser concebido como um objeto estético, e, ao mesmo tempo, como um objeto de conhecimento. Na perspectiva do tema da maternidade, leva-se em consideração o gesto filosófico que é escrito em várias ações, e, por meio do ego experimental (personagens), tem-se uma referência com o tema que Eliane Brum quer discutir. Por esse motivo, entender Laura e Maria Lúcia em referência à centralidade da percepção do tema da voragem maternal, reside em um âmbito de discussões dos saberes humanos.

### Referências

BARROSO FILHO, Wilton. Elementos para uma epistemologia do romance. In: BARROSO FILHO, Wilton; BARROSO Maria Veralice. *Estudos epistemológicos do romance*. Brasília: Verbena editora, 2018, p. 15-33.

BRUM, Eliane. *A menina quebrada: e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. *Uma duas*. São Paulo: Leya, 2011.

\_\_\_\_\_. *Córtex - Vivendo o Fim no Centro do Mundo. Um passeio com Eliane Brum em Altamira. [Entrevista concedida a] Bruno Tortura. Córtex - Vivendo o Fim no Centro do Mundo. Um passeio com Eliane Brum em Altamira. Canal Estúdio Fluxo Youtube*, 2019. Disponível em <<https://>

[www.youtube.com/watch?v=ghIL7ExjaxQ](https://www.youtube.com/watch?v=ghIL7ExjaxQ)>

Acesso em: 10 out. 2020.

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; BARROSO, Maria Veralice; BARROSO FILHO, Wilton. (Org.). *Verbetes da Epistemologia do Romance*. v.1. Brasília: Verbena, 2019.

CAIXETA, Ana Paula Aparecida; BARROSO, Maria Veralice. *Verbetes da Epistemologia do Romance*. v. 2. Campinas: Pontes Editores, 2021.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

KUNDERA. Milan. *A arte do romance*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOUAISS, Antonio.; VILLAR, M.S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PAULINO, Itamar Rodrigues. Eixo epistemológico. In: CAIXETA, Ana Paula Aparecida; BARROSO, Maria Veralice. *Verbetes da Epistemologia do Romance*. v.2, Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 35-47.

## COMO CITAR

SOUSA, N. da S. de. A voragem como eixo epistemológico em *Uma duas*, de Eliane Brum. *Revista Cerrados*, 32(63), pp. 167-177. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i63.48836>